

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA: A CANÇÃO COMO VETOR PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA

Gênesson Johnny Lima Santos
Mestre em Linguística – UFC
gen.johnny@gmail.com

Maria Melka Freitas Silva
Graduada em Letras – UFC
melka-freitas@hotmail.com

Suelen Maria de Moura Barros
Graduada em Letras – UFC
suelenmbarros18@gmail.com

RESUMO

Não é de hoje que literatura e música se inter-relacionam. Na antiguidade clássica, por exemplo, o ditirambo era uma forma poética criada e reproduzida oralmente, acompanhada do instrumento lira, que posteriormente nomeou o domínio literário lírica. A partir de observações de aulas de literatura em língua portuguesa realizadas em uma escola pública estadual, objetivamos, por meio deste trabalho, refletir acerca do uso da canção como vetor para o estudo e compreensão de movimentos e textos literários. Para tal, faremos uma abordagem sobre a temática música-literatura, discorrendo sobre esta relação em termos de didática literária e levando em consideração a prática observada e suas implicações para a aprendizagem, com base nas seis categorias cognitivas apresentadas por Bloom (1976). Por fim, apresenta-se uma proposta de intervenção didática que exemplifique e oriente a prática desta abordagem por outros professores, contemplando a taxonomia de Bloom.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Canção, Didática.

RESUMEN

No es de hoy que literatura y música se interrelacionan. En la antigüedad clásica, por ejemplo, el “ditirambo” era una forma poética creada y reproducida oralmente, acompañada del instrumento lira, que después nombró el dominio literario “lírica”. A partir de observaciones de clases de literatura en lengua portuguesa realizadas en una escuela pública estadual, objetivamos, por medio de este trabajo, reflexionar acerca del uso de la canción como vector para el estudio y comprensión de movimientos y textos literarios. Para ello, haremos un abordaje sobre la temática música-literatura, discutiendo sobre esa relación en términos de didáctica literaria y teniendo en cuenta la práctica observada y sus implicaciones para el aprendizaje, basándose en las seis categorías cognitivas presentadas por Bloom (1976). Por fin, se presenta una propuesta de intervención didáctica que ejemplifique y oriente la práctica de ese abordaje por otros profesores, contemplando la taxonomía de Bloom.

PALABRAS-CLAVE: Literatura, Canción, Didáctica.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge de observações de aulas de Literatura em Língua Portuguesa realizadas em uma escola pública da rede cearense de ensino. A atividade de observação cumpre um dos quesitos de avaliação na disciplina de Estágio Supervisionado em Literatura I. Entretanto, dentre as práticas docentes observadas, uma nos chamou a atenção e é sobre esta que centraremos nossa abordagem.

Em referida prática utilizava-se da canção como um vetor para o estudo de movimentos e textos literários. Nessa perspectiva, pretende-se abordar, de maneira crítica e reflexiva, tais observações feitas sobre essa prática de um professor de literatura de 1º ano de ensino médio e, conseqüentemente, sobre o desdobramento dessa prática na aprendizagem de seus alunos. Para essa análise crítica, levaremos em consideração as categorias cognitivas propostas por Bloom (1976).

Acreditamos que a utilização e a interação de outras manifestações artísticas, particularmente, a canção, no que concerne ao estudo da literatura em sala, além de facilitar a aprendizagem desta, tornam as aulas mais interessantes e dinâmicas. Além do mais, a análise prévia mostra que, por mais motivadora que tenha sido essa interação música-literatura, sua repercussão, em termos de aprendizagem, não possibilitou aos alunos avançarem o nível da compreensão, segundo a taxonomia de Bloom.

Nesse sentido e com base no observado, tencionamos apresentar uma proposta de intervenção didática, nessa perspectiva de música-literatura, que possibilite ao aluno avançar nas categorias cognitivas do teórico mencionado. Mas antes disso, faremos uma abordagem sobre a temática música-literatura, discutindo sobre essa relação em termos

de didática literária, levando em consideração a prática observada e suas implicações para a aprendizagem, como já sinalizamos.

O estágio configura-se como um momento de fundamental importância no processo de formação acadêmico-profissional, pois possibilita aos futuros professores adquirir uma visão geral, ao mesmo tempo específica, das ações praticadas em sala de aula, o que refletirá em sua própria prática docente futura, seja aproveitando ou reformulando certas ações observadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando que o mais antigo “instrumento musical” é a voz, cujos sons tentaram-se imitar com a invenção dos outros instrumentos (os materiais) que surgiram ao longo do tempo, e tendo em conta que a melodia produzida por vozes humanas, não poucas vezes, estavam associadas a um conteúdo literário, como trovas, pode-se afirmar que literatura e música caminham juntas há muito tempo.

Os gregos, durante o período denominado por estudiosos como arcaico, que se estende até o final do século VI a.C., criavam obras para serem citadas e cantadas em público. A perpetuação desse tipo de literatura geralmente se dava por recursos mnemônicos, como a rima, metrificção e/ou aliteração (dentre outros), os quais contribuíam para a fixação da obra na memória popular. Nesse caso, embora sem os escritos, as obras literárias existiam e a “musicalidade” era sua forma de propagação, contrariando, dessa forma, a relação de implicação oral-instável.

A partir do exemplo acima, podemos ter um conhecimento parcial do quão associados estiveram (e ainda estão, mesmo que por outras formas) os dois elementos-

chave deste artigo, que os posiciona como reciprocamente complementares no âmbito do ensino de literatura em sala de aula, concepção já compartilhada por docentes que a levaram para suas propostas de intervenção didática.

Melo (2013), por exemplo, produziu artigos (dentre os quais se destaca “Música popular brasileira e Literatura: um estímulo interdisciplinar através dos textos”) nos quais publica objetivos, processo e resultados do atrelamento da MPB às suas aulas de literatura, ministradas na rede estadual de ensino. A ideia da junção nasceu a partir da necessidade, percebida pela autora, da formação de um perfil crítico do corpo discente com o qual lidava, que não difere muito de outros com relação a essa carência, constituída por adolescentes que obedecem aos ditames do que escutam, sem executar o trabalho da interpretação, relacionando fatores linguísticos, históricos e sociais.

Um caminho possível para o cumprimento dessa difícil missão é a integração entre música e literatura, as quais têm muito em comum por serem manifestações artísticas infinitamente ricas. Sua distinção se dá, principalmente, pelas formas como conduzem as criações humanas: uma pelo jogo de sons e a outra pelo jogo de palavras. (idem, p. 01)

No entanto, antes de aplicar esse olhar ao que se estuda e/ou executar planos de aula, existem problemas que devem ser sanados num âmbito escolar. Um deles pode ser o desinteresse dos estudantes por Literatura ou pelas aulas dessa disciplina. Uma das possíveis causas disso é que, muitas vezes, ela lhes é apresentada de forma desvinculada do contexto social em que se insere.

O foco dos estudos é puramente o texto por si mesmo. Dessa forma, desconsidera-se que a criação literária está situada num espaço e num tempo específicos — característica de que também compartilha a música, diga-se de passagem. Então, se quer conquistar a simpatia de alunos pelo objeto de estudo, professores

devem estar dispostos a complementar suas aulas com recursos necessários, valendo-se de estratégias adequadas para tal.

Para o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (*apud* FERREIRA, 2013), “a música é o máximo da expressão artística, é a arte que mais se aproxima da realidade por ter maior carga emocional que as outras”. Dois aspectos desse enunciado podem nos interessar: aproximação da realidade e carga emocional. A partir do primeiro, a lacuna derivada da desconexão entre mundo e objeto de estudo pode ser preenchida. O segundo implica comoção do público atingido, já que apela para as sensações e estados mentais.

Para a relação cooperativa entre literatura e música em sala, esses dois aspectos se tornam ferramentas eficientes de ensino e aprendizagem, visto que atendem a necessidades bastante recorrentes. A música, se usada de maneira apropriada à situação, pode atrair o estudante pelos sentimentos que nele são desencadeados ao ritmo da melodia, corroborando para estabelecer links com o conteúdo literário. Além disso, há muitas composições musicais que apontam para um período sócio-histórico que permeia a literatura. Este ponto em comum pode, então, ser usado a favor da eficiência didática.

E já que tocamos no fator eficiência, é essencial que se tenham referenciais úteis à avaliação dos procedimentos que se estão executando, com vista a comprovar (ou não) a presença desse fator nesses processos. Como base teórica, podem nos auxiliar os estudos sobre a taxonomia de Bloom (1976), constituída de objetivos educacionais a serem atingidos pelos aprendizes e organizados em uma hierarquia estabelecida a partir de níveis de dificuldade. São eles: (1) conhecimento, (2) compreensão, (3) aplicação, (4)

análise, (5) síntese e (6) avaliação, os quais estão listados em ordem crescente de complexidade.

Criada com a intenção de ser o mais inteligível possível a especialistas da área e professores, essa taxonomia oferece um modelo de etapas cognitivas que devem ser respeitadas para que o ensino e aprendizagem aconteça de forma saudável e eficaz. Assim, por exemplo, um professor, quando planeja uma aula cujo conteúdo X é desconhecido aos discentes, deve, inicialmente, trabalhar com atividades que proporcionem apenas o conhecimento de X, sem preocupar-se com uma exploração mais profunda.

Passemos para uma descrição geral dos seis níveis do domínio cognitivo de Bloom. No primeiro nível, os alunos devem recordar ou reconhecer informações, ideias e conceitos; no segundo nível, os estudantes compreendem e/ou interpretam informações e conceitos com base no conhecimento prévio. Quanto ao terceiro nível, o aluno já está apto para transferir, solucionar e utilizar informações, dados e princípios para completar um problema ou tarefa com um mínimo de supervisão.

Em relação ao quarto nível cognitivo, o estudante já consegue distinguir, classificar e relacionar pressupostos, hipóteses, evidências ou estruturas de uma declaração ou questão. No que diz respeito ao quinto nível, o aluno está apto a resumir, sintetizar ideias, criar, integrar e combinar informações etc. No último dos níveis, o estudante aprecia, avalia, faz críticas com base em padrões e critérios específicos.

A partir de comportamentos perceptíveis que comprovem, por exemplo, o alcance do primeiro degrau, propõem-se tarefas cujo objetivo seja a compreensão, que, por sua vez, será sucedida pela aplicação, e assim, por diante. O procedimento

professoral, de acordo com a taxonomia de Bloom, é basicamente: adotar objetivo; avaliar resultados, mediante comportamentos do aluno; e passar ao próximo objetivo. Além de orientar docentes na elaboração de seus planos de aula, este sistema categórico ainda pode servir durante o processo de avaliação.

3. AS AULAS OBSERVADAS E A TAXONOMIA DE BLOOM

Como já mencionamos no início deste trabalho, um dos professores observados durante o estágio utilizava canções para orientar o estudo dos movimentos e obras literárias. Por exemplo, em uma de suas aulas, cujo assunto era o Barroco, o docente apresentou aos alunos os contextos histórico e sociocultural relacionados ao referido período literário. Nesse momento, aproveitou para evocar o conhecimento dos alunos sobre o conteúdo até então apresentado.

Na sequência, antes mesmo de abordar as características do movimento, o professor colocou canções cujas temáticas giravam em torno de dualidades, contrastes e oposições. Pediu, então, para que, durante a execução das peças musicais, os alunos prestassem atenção a ideias opostas, dualísticas, presentes no áudio.

Por ocasião, o professor aproveitou para registrar na lousa as respostas verbalizadas pelos alunos. Em seguida, discutiu a temática dos trechos das canções, focalizando no aspecto opositivo que apresentavam, para, a partir daí, abordar outras características do movimento literário em questão.

Por fim, o professor orientou a leitura de textos literários pertencentes ao Barroco, a fim de que os alunos pudessem compreender o texto, observando nele as características discutidas e apresentadas anteriormente.

Em termos de didática, observamos que existe uma preocupação do professor em trazer canções que estivessem, de fato, relacionadas com o conteúdo das aulas e que boa parte delas fosse conhecida e fizesse parte do cotidiano dos alunos. Não há dúvidas de que existia, por parte do docente, um planejamento que demandava tempo e dedicação, e que aquele buscava facilitar, através dessas canções, o acesso ao conteúdo da disciplina.

Fica claro que, para esse professor, “lidar com Literatura é um gesto fascinante, desde que situemos bem esse fascínio e os objetos postos em relação, pois Literatura constitui um universo múltiplo e diversificado de elementos”. (DIAS, 2011, p. 45).

Tal abordagem é bastante válida, pois instiga a participação do aluno e motiva-o para a apreciação do texto literário. Torna, pois, as aulas de Literatura mais dinâmicas, interativas e, até, interdisciplinares. Contudo, em relação às categorias cognitivas de Bloom, apresentadas anteriormente, podemos perceber que essa forma de abordagem não proporciona ao aluno ultrapassar o segundo nível, o da compreensão. Vejamos por quê.

No primeiro momento, o da contextualização, da apresentação ou “revisão” das circunstâncias históricas, sociais e culturais que justificam e explicam o movimento literário estudado, ocorre apenas uma evocação de informações específicas, de conhecimentos básicos, portanto menos complexos e menos abstratos.

Evocam-se, nesse momento, conhecimentos mais concretos, ligados aos fatos e dados históricos, que podem ser (e são) recuperados facilmente pelos alunos. Assim, a prática observada, nessa primeira abordagem, envolve basicamente o conhecimento de terminologia e conhecimento de fatos específicos. O primeiro está mais relacionado a

definições de termos (Barroco, cultismo, conceptualismo etc.), a seus atributos, propriedades ou relações, enquanto que o segundo está ligado ao conhecimento ou “revisão” de datas, acontecimentos, personalidades, lugares etc.

Passando para um segundo momento, no qual o professor colocou a canção e solicitou que os alunos atentassem a pontos específicos (dualidade ou oposição de ideias, por exemplo), ainda permanece no primeiro nível, o do conhecimento. O que há de diferente é a inserção ou desdobramento de outro tipo de conhecimento, o de classificação e categorias, quando o professor aproveita o ensejo para antecipar, por assim dizer, as características do movimento (hipérbole, hipérbato, antítese etc.).

Incluiríamos, ainda, nesse segundo momento da abordagem, a evocação do conhecimento de tendências e sequências, os quais estão relacionados com “processos, direções e movimentos dos fenômenos em relação ao tempo”, no caso, ao período literário. (BLOOM, 1976, p. 173)

Seguindo a ordem da prática descrita, num terceiro momento, no qual o professor propunha a leitura e interpretação do texto literário com base no conhecimento adquirido ou “revisado” pelos momentos anteriores. Mesmo o professor abrindo espaço para que os alunos comentassem sobre a temática da canção, o trabalho com esta se encerrava ali. Passa-se, então, à “transposição” desse conhecimento adquirido anteriormente para a interpretação de outro texto (o literário) sem inter-relacioná-los ou compará-los, por exemplo, o que permitiria ao aluno avançar a outro nível cognitivo.

Nesse sentido, e conforme Bloom (1976, p. 175), esse terceiro e último momento da prática observada, que atende a essa perspectiva música-literatura, “representa o nível mais baixo do entendimento” (ibidem), uma vez que

refere-se a um tipo de entendimento ou apreensão tal que o indivíduo conhece o que está sendo comunicado e pode fazer uso do material ou ideia que está sendo comunicada, sem necessariamente relacioná-la a outro material ou perceber suas implicações mais complexas. (idem, ibidem).

Como podemos perceber, por mais interessante que seja a abordagem do professor, ela não permite aos alunos ultrapassar o segundo nível da taxonomia proposta por Bloom. Entretanto, acreditamos que essa prática pode e deve ser aprimorada a fim de que possa proporcionar um melhor estudo literário, auxiliado pela “musicalidade”, contemplando (os) outros níveis cognitivos da taxonomia de Bloom.

Pensando nisso, apresentamos na sequência uma proposta de intervenção didática, sob essa perspectiva de música-literatura, que exemplifica e orienta a prática desta abordagem por outros professores, contemplando obviamente esses outros níveis da taxonomia do teórico em questão.

4. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Optamos por trabalhar o Romantismo, por entender que esse movimento literário contempla bastante essa perspectiva de literatura e música, uma vez que está ligado a temas relacionados com o eu lírico, o sentimentalismo, o nacionalismo e o regionalismo, temas bastante presentes também em várias canções. Assim, trabalharemos com o Romantismo tendo como vetor as seguintes canções: Aquarela do Brasil, de Ari Barroso e Brasil, de Cazuza, uma vez que ambas podem ser correlacionadas

à temática do nacionalismo, um ponto bastante característico do Romantismo brasileiro.

4.1 PROCEDIMENTOS:

Em um primeiro momento, o professor pode adotar o procedimento observado e discutido na seção anterior. No caso, o professor apresentaria o contexto histórico para que o aluno tenha conhecimento das circunstâncias socioculturais da época relacionadas com o movimento literário em questão. Caso ache necessário, na ocasião, o docente poderá mencionar as principais obras e autores do período.

Levando em consideração a proposta por Bloom, este momento da aula, estaria no nível 1 da taxonomia, ou seja, o nível do conhecimento, já que os alunos estariam se familiarizando com o assunto. Em um segundo momento, o professor colocaria uma canção na qual estivesse evidente alguma (ou algumas) característica(s) do Romantismo, que o professor gostaria de destacar nesse primeiro momento. No caso, o aspecto observado seria o “nacionalismo” ou exaltação ao elemento nacional presente na canção “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso.

Pediria, então, que os alunos atentassem para a maneira como o país é representado na referida peça musical e que registrassem suas observações no caderno. Feito isso, e após execução desta, o professor registraria na lousa as observações dos alunos, aproveitando o ensejo para abordar as outras características do movimento e, por fim, discutir sobre o texto apresentado, ou seja, trabalharia a interpretação do material.

Em um terceiro momento, o professor distribuiria aos alunos um trecho de uma obra romântica no qual não apenas o nacionalismo, como também as outras características do movimento estivessem presentes. A identificação de tais características implica a compreensão do texto literário. Ao ser trabalhada a compreensão do texto, a aprendizagem estaria no nível 2 das categorias cognitivas de Bloom, o da compreensão.

Em um quarto momento, o professor pediria aos alunos que, em duplas, pesquisassem e trouxessem na aula seguinte outro exemplo de canção, na qual poderiam ser encontradas características semelhantes às do Romantismo. Já na própria aula, as duplas demonstrariam para a turma de que maneira tais características estariam presentes na canção escolhida. Dessa forma, o docente estaria dando a oportunidade de o estudante ativar os conhecimentos adquiridos anteriormente, lhe permitindo não só reconhecer as características da escola literária, como também aplicá-las em outro texto. Esta fase da aula estaria, portanto, no nível 3 da taxonomia de Bloom, o da aplicação.

Em outro momento, o professor abordaria o poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, e a canção “Brasil”, do cantor e compositor Cazuza. Primeiramente, iniciaria a aula retomando alguns pontos da aula passada, enfatizando a questão do nacionalismo, por exemplo. Em seguida, apresentaria o poema “Canção do Exílio”, analisando e comentando esse texto juntamente com os alunos. Faz-se necessário que o professor pontue as devidas considerações sobre o autor do poema. Na sequência, tocaria a canção “Brasil”.

Vale ressaltar que, em relação à abordagem da canção, seria interessante que o professor fizesse, nesse momento, predições que levassem o aluno a evocar o assunto “nacionalismo” presente na referida peça musical. Depois disso, colocaria o áudio e, em seguida, lançaria para turma questões do tipo:

- a) A letra da canção tem alguma relação com o poema de Gonçalves Dias?
- b) Que elementos presentes na canção remetem ou também estão presentes em obras do Romantismo? Nesse caso, a resposta que se espera é a figura do índio, no trecho: “ver tevê a cores na taba do índio, programada pra só dizer sim”.
- c) A condição desse índio na canção é a mesma do índio romântico? (etc.).

Após essa abordagem, o professor solicitaria, na sequência, uma atividade, na qual os alunos confrontariam os dois textos. Pediria, portanto, para que verificassem se há pontos convergentes e divergentes entre o poema e a canção, apresentando essa comparação em formato de redação. O nível 4 das categorias cognitivas de Bloom, o da análise, estaria evidenciado nesta atividade.

Seguindo a perspectiva de evolução cognitiva proposta pelo teórico, na aula seguinte, ainda sobre Romantismo, o professor solicitaria aos estudantes que, agora em grupo, compusessem uma paródia musical na qual resumissem o conteúdo estudado até então, ou seja, seria pedido para que os alunos, durante a aula, sintetizassem, de maneira criativa e divertida, o conteúdo relativo a essa fase do Romantismo brasileiro. Na aula posterior, os grupos apresentariam para toda a sala suas produções, valendo-se de instrumentos musicais, gravações etc. Essa atividade estaria no nível 5 da taxonomia de Bloom, o da síntese.

Por fim, o professor pediria aos alunos que produzissem, como atividade avaliativa, inclusive, para o final do bimestre ou semestre, uma resenha crítica ou um ensaio, em que se posicionariam criticamente a respeito do poema “Canção do Exílio” ou a respeito de um capítulo ou de uma obra inteira (romance, novela), ou até mesmo a respeito de um poema mais longo etc. Essa atividade estaria no nível 6 das categorias cognitivas propostas por Bloom, ou seja, o nível da avaliação/crítica.

O importante é salientar que, para realizar essa tarefa, o aluno já terá passado pelos outros cinco níveis cognitivos, tendo, portanto apreendido efetivamente o conteúdo proposto pelo professor – neste exemplo, o conteúdo referente a uma das fases do Romantismo brasileiro. Vale ressaltar que, ao solicitar uma resenha crítica ou um ensaio, o professor deve oferecer as condições necessárias para essa produção, a exemplo do contato/tratamento prévio com o gênero e apropriação de suas estrutura e características.

Outra sugestão seria o professor organizar os alunos em grupos (de três ou quatro alunos cada), conforme a realidade da turma, e pedir a cada grupo que elaborasse, caso os estudantes tivessem domínio do gênero, uma charge ou um cartum, no qual houvesse um diálogo entre o poema “Canção do Exílio” e a canção “Brasil.”

Dessa forma, os alunos entrariam simultaneamente no nível da síntese, já que criariam um produto como resultado do que aprenderam sobre o Romantismo, e no nível da avaliação, já que os gêneros charge e cartum sugerem, geralmente, uma crítica, de cunho social e atual. Os alunos teriam a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a exaltação do nacionalismo, presente em uma das fases do Romantismo, e sobre a descrença (ou sobre o pouco) nacionalismo no contexto contemporâneo. Para que eles

chegassem nesse nível de atividade, teriam que estar no estágio da avaliação/crítica, de acordo com a taxionomia de Bloom. Além do mais, seria uma oportunidade de trabalhar a Literatura, relacionado-a com outros gêneros textuais de diferentes domínios, não só o literário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi exposto neste trabalho, podemos afirmar que a reflexão sobre a prática docente, no que concerne ao ensino e à aprendizagem de Literatura configura-se como uma atividade fundamental para a formação de futuros professores, pois possibilita um primeiro contato com o contexto do ensino de literatura nas escolas, como profissionais da área.

Pudemos constatar, pela análise das práticas docentes observadas, que o ensino de Literatura tem conseguido subsídios, mediante intervenção professoral, para lograr êxito. No entanto, tomando por referencial a taxonomia de Bloom (1976), o nível de objetivos educacionais que essas práticas têm alcançado é dos mais elementares. Seria de fundamental importância que fossem projetadas, para a sala de aula, atividades que conduzissem o aluno a níveis de maior complexidade, possibilitando a efetivação de um aproveitamento mais prático e profícuo dos conteúdos.

Portanto, a experiência adquirida com o estágio de observação permite ao professor em formação visualizar a realidade do docente em sala de aula, de onde são extraídas lições e reflexões que irão servir de base para o futuro professorado, levando em conta que cada um desenvolve sua própria prática docente e que cada um busca pelos métodos mais adequados a uma realidade específica e, ao mesmo tempo,

imprevisível, a fim de potencializar e facilitar o ensino e a aprendizagem – neste caso específico, de Literatura em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Benjamin S; ENGELHART, Max D; FURST, Edward J. **Taxionomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. Trad. de Flávia Maria Sant'ana. Porto Alegre: Globo, 1976.

DIAS, Maria Heloisa Martins. **Apagando o quadro negro**: literatura e ensino. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

FERREIRA, Vítor Francisco. **Uso de música em sala de aula facilita o aprendizado**. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=66775>> Acesso em 14/07/2013

MELO, Cimara de. **Música popular brasileira e Literatura**: um estímulo interdisciplinar através dos textos. Disponível em <<http://migre.me/fx4lg>> Acesso em 14/07/2103

Recebido em 09 de fevereiro de 2016

Aceite em 13 de junho de 2016

Como citar este artigo:

SANTOS, Gênesson Johnny Lima Santos; SILVA, Maria Melka Freitas; BARROS, Maria Suelen de Moura. Proposta de intervenção didática: a canção como vetor para o ensino e aprendizagem de literatura. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p 364-381. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/estudos/palimpsesto22estudos06.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.

ANEXOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

(Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

<http://migre.me/fykkK>

AQUARELA DO BRASIL

(Ary Barroso)

Brasil, meu Brasil Brasileiro,
Meu mulato inzoneiro,
Vou cantar-te nos meus versos:

O Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar;
O Brasil do meu amor,
Terra de Nosso Senhor.
Brasil!... Brasil!... Prá mim!... Prá mim!...

Ô, abre a cortina do passado;
Tira a mãe preta do cerrado;
Bota o rei congo no congado.
Brasil!... Brasil!...

Deixa cantar de novo o trovador
À merencória à luz da lua
Toda canção do meu amor.
Quero ver essa Dona caminhando
Pelos salões, arrastando
O seu vestido rendado.
Brasil!... Brasil! Prá mim ... Prá mim!...

Brasil, terra boa e gostosa
Da moreninha sestrosa
De olhar indiferente.

O Brasil, verde que dá
Para o mundo admirar.
O Brasil do meu amor,
Terra de Nosso Senhor.
Brasil!... Brasil! Prá mim ... Prá mim!...

Esse coqueiro que dá coco,
Onde eu amarro a minha rede
Nas noites claras de luar.
Ô! Estas fontes murmurantes
Onde eu mato a minha sede
E onde a lua vem brincar.

Ô! Esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil Brasileiro,
Terra de samba e pandeiro.
Brasil!... Brasil!

<http://migre.me/fykm3>

BRASIL
(Cazuza)

Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer...

Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta
Estacionando os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito
É uma navalha...

Brasil!
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...

Não me convidaram
Pra essa festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer...

Não me sortearam
A garota do Fantástico
Não me subornaram
Será que é o meu fim?
Ver TV a cores
Na taba de um índio
Programada
Prá só dizer "sim, sim"

Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim

Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...

Grande pátria
Desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
Não, não vou te trair...

Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim

Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...(2x)

Confia em mim
Brasil!!

<http://letras.mus.br/cazuza/7246/>